Juntos pelo Povo
Concelhia de Gondomar

25 de Novembro: a democracia que não teve dono

Há datas que se comemoram e datas que se disputam. O 25 de Novembro de 1975 tem sido mais disputado do que comemorado. É pena, porque o que nesse dia se decidiu pertence a todos.

Convém lembrar o essencial. Ao fim de um ano e meio de sobressaltos, o país estava dividido entre a legitimidade das urnas e a dos quartéis e das ruas. A madrugada de 25 de novembro trouxe a ocupação de bases aéreas por paraquedistas e a resposta dos militares que se reviam no voto de abril de 1975. Houve vítimas, menos do que se temia. Houve, sobretudo, contenção. No dia seguinte, Melo Antunes veio a público garantir que não haveria excluídos na democracia que se construía. Quem vence sem excluir o adversário deixa uma lição que ainda não aprendemos por inteiro.

O 25 de Novembro não desfez o 25 de Abril; deu-lhe chão. Abril abriu a porta. Novembro garantiu que a casa teria muitas divisões e nenhum dono.

Daí nasceram a Constituição de 1976 e, em dezembro desse ano, as primeiras eleições autárquicas livres. Esta Assembleia de Freguesia, onde nos sentamos lado a lado com quem pensa o contrário, é herdeira direta desse equilíbrio. Não é pouco. Em Valbom, em Jovim, em Gondomar (S. Cosme), houve quem votasse pela primeira vez para a sua junta sem medo de quem estava a ver. Os meus pais estiveram entre eles.

Por isso nos custa ver a data usada como arma de arremesso: por uns, para corrigir Abril; por outros, para o proteger de uma ameaça que o tempo já desfez. Nenhum dos usos honra quem, naquele outono, preferiu o voto à espingarda.

A melhor homenagem ao 25 de Novembro não cabe num texto de ocasião. Está no funcionamento das instituições que salvou: responder a quem pergunta, mostrar as contas a quem as pede, ouvir a minoria sem a tratar como incómodo.

A democracia não vive de efemérides. Vive de prazos cumpridos e de gavetas abertas.

Fernando Oliveira
Deputado do JPP – Juntos Pelo Povo na Assembleia de Freguesia